

ETIQUETA DA VIDA RURAL

AS COLETIVIDADES PROVINCIANAS, DE UMA MANEIRA GERAL, SE eqüivalem. Têm seus defeitos, suas virtudes e traços característicos que não dispersam nunca. Propriamente nesta tentativa de estudo da etiqueta da vida rural não pretendemos reeditar a faceta sociológica do Professor Pierson que, antes de nós, estudou com muita profundidade e equilíbrio de idéias as relações sociais, ritual, cerimônias, etc., de uma vila que batizou de Cruz das Almas. Seria imoderada atitude de quem, sem nenhum conhecimento autorizado, de repente desejasse mostrar-se um *expert* da sociologia rural. A verdade, no entanto, é que todas as pequenas cidades se parecem e são justamente coincidentes em seus atributos naturais, em sua hierarquia social, nos acontecimentos cívicos, etc. Há sempre a maior autoridade do lugar, chamada “da terra”, infalivelmente o delegado, nomeado, via de regra, pelos governos para satisfazer o chefe político local; o homem mais importante: o juiz, o mais santo e respeitável, o pároco.

Na ordem decrescente dos valores pode declinar-se, sem dificuldades: o prefeito, o sacristão, o regente da banda de música, o tabelião, o dono da padaria, o barbeiro e o agente da estação ferroviária. Dez ou doze autoridades, no máximo. Nas cidades maiores a relação toma outro aspecto.

Pacatuba (pequena cidade, sede de um município, que abriga pouco mais de três mil habitantes) não conhece os problemas de outras sociedades humanas. Principia por não conhecer o que propriamente consideramos tratar-se de banquete. Existem almoços, é verdade, um pouco mais solenes para um maior número de pessoas, realizados geralmente na residência do mais rico – que representa a versão mais inocente do *coronel* – que tendo triunfado na vida, sendo considerado *abastado*, haverá sempre de receber à sua mesa ilustres filhos de sua terra natal, sem nenhuma despesa para aqueles.

Não existindo, portanto, rigorosamente, os banquetes, não se tem notícia do talher especial para o peixe, porque não são servidas iguanas com a indefectível separação da odiosa burguesia dos centros mais adiantados. Come-se ali sem os requintes da nobreza e talvez por isso mesmo morresse mais de velhice do que de outros achaques tão comuns aos homens do nosso tempo.

O cemitério – para aproveitar a proximidade do assunto – fica situado em acidente topográfico mais elevado, e que nos faz lembrar o pasmo de Richard F. Furten, em 1868, ao visitar nossa terra e achar que nós, brasileiros, deixávamos os locais mais ventilados, de melhor visão, para enterrar os mortos, situando as cidades em terreno baixos, sem nenhuma beleza. Pacatuba não faz exceção. O cemitério abre uma visão panorâmica, excepcional, para quem nele se situa, e se alça sobre a paisagem como se fosse sua missão fazer-nos viver pensando na morte.

Pacatuba, está encravada ao pé da serra; situa-se numa depressão de terreno que a deixa limitada entre dois outeiros: o Alto do Bode (nome comum a determinados arrabaldes de várias cidadezinhas do Ceará) e Alto do Piripau. Tem precária iluminação elétrica que acende às dezoito horas e às vinte e duas horas está se apagando. Somente em

dias excepcionais – procissão em louvor à Nossa Senhora do Carmo, recepção ao prefeito, reunião de irmandades, etc. – é ligada durante o dia para funcionamento da irradiadora, serviço de amplificação que encarna o papel e a utilidade de uma estação de radiodifusão.

A verdade é que a marcha inexorável do tempo vai modificando hábitos e costumes do povoado pacato. Os receptores radiofônicos instalados na casa dos mais ricos trazem a cidade permanentemente informada de tudo que acontece na capital e no restante do País. Suas crianças de hoje não sabem mais o que é comprar jornal ao “bagageiro” do trem, obrigação de todo filho de “gente importante” que tinha de ir à estação ferroviária, pela manhã.

As coisas estão mesmo mudando. Por isso, os sociólogos da estirpe de Donald Pierson elegem uma pequena cidade, uma vila talvez, para estudá-la em seus detalhes, o que vale dizer, em sua vida mais íntima. As observações que fizer, amanhã, serão estudadas, comparadas com atenção, porque sem o sabermos estamos nos superando a todo instante. O que ontem nos parecia a última palavra na conquista técnica foi relegado a plano inferior por se ter tornado obsoleto. O mesmo, não nos iludamos, acontecerá com os nossos sentimentos. Já não temos pelas vilas, que por acaso nos viram nascer, os mesmos motivos para amá-las ou simplesmente lembrá-las. Quem nasce sob a preocupação das armas atômicas, sabendo que se vai de Fortaleza ao Rio de Janeiro em cinco horas, não poderá ter o encanto virgem dos nossos avós que gastavam três dias para viajar de Fortaleza a Pacatuba, insignificante percurso de trinta e dois quilômetros. O sábio Luiz Agassiz e Elizabeth Cary Agassiz, sua inteligente esposa, em 1865, numa viagem até Pacatuba, tiveram que pernoitar em Parangaba Saíram de Fortaleza ao meio-dia de um 3 de abril e somente a 7, puderam fazer a escalada da serra.

Pacatuba – como Cruz das Almas – possui sua etiqueta. E não somente Pacatuba. Qualquer cidadezinha do interior tem um *modus vivendi* que a diferencia dos outros centros mais evoluídos, a principiar pela saudação que fazem duas pessoas, mesmo desconhecidas, quando se encontram na rua ou na estrada.

Donald Pierson teceu judicioso comentário referente a esse tratamento: “Quando se encontra um estranho pela segunda ou terceira vez no mesmo dia a saudação completa – “Bom dia”, “Boa tarde” é substituída por uma destas expressões: “Oi!” “Olá!”, ou “Nhor sim!”, às quais acrescentaríamos outras que já verificamos: “Outra vez, hem?” “De novo” ou “Tamo se encontrando...”

O cafezinho, tanto nas cidades nordestinas como em Cruz das Almas, adquire um lugar de destaque nas regras do bem-servir. É oferecimento que nunca se esquece de fazer à visita: “Fulana, agora você vai aceitar um cafezinho”. E, como bem observou aquele sociólogo, é de mal alvitre declinar-se desta oferta. A recusa de tomar o cafezinho poderá parecer ao dono da casa um ressentimento, que entenderá esse gesto como acintosa desfeita ao seu tratamento de anfitrião. Quer na casa do rico, quer na casa do pobre, jamais há de faltar um cafezinho para o vizinho ou amigo que chega para uma visita. Não há conversa alegre que não sofra uma pausa enquanto o dono da casa diz: “Minha velha, está na hora do cafezinho”, ou “Será que num vai sair o pretinho?”, ou, ainda: “Vá esquentar a chaleira...” A esposa, geralmente, tem outras frases para dizer, em resposta: “A chaleira está fervendo”, ou, então, “Ora, num ia esquecer do cafezinho”, etc. Em casa dos mais pobres o café, geralmente, é servido em tigelas ou copos, muito raramente em xícaras. Cumpra a quem bebe a rubiácea, enaltecer-lhe as qualidades: “Está gostoso mesmo”, ou “Fazia tempo que não tomava um cafezinho tão bom” ou

“Tem um gostinho de “venha mais”... Se por acaso é a primeira visita que está realizando, mandam as regras sociais da província que o visitante beba mais uma xícara.

Houve tempo em que o licor desfrutou lugar de destaque nas relações de amizade. As visitas mais importantes não se deveriam servir café e, sim, um cálice de licor. A bebida era obtida na infusão de cascas de tangerina ou outra fruta em álcool puro. Nas residências mais distintas do lugar, além do licor, servia-se também, numa bandeja, um pedaço de bolo. Mandavam as boas regras de comportamento social que se deixasse sempre uma pequena sobra no prato daquilo que nos ofereciam. Dai o se ter generalizado a expressão: “Está deixando cerimonia” ou “não carece deixar cerimonia”.

A prática nos influencia hoje em dia. O homem simples de Pacatuba, jamais se afasta de suas atitudes tidas e havidas como normas de educação. O nosso habitante da órbita rural, mesmo sem substancial instrução, cria para seus contatos com a coletividade uma linha de conduta que se manifesta, diariamente, desde o instante em que realiza as suas compras (geralmente, fá-las para a semana inteira) ao momento mais importante, do casamento ou do enterro, de um amigo ou parente seu.

A etiqueta de fazer compras – lembra-nos Donald Pierson – “difere acentuadamente da que caracteriza ordinariamente a cidade. Um negociante trata seus fregueses como se fossem hóspedes que viessem à sua casa para uma visita”. Comerciante que desejar progredir, terá de proceder assim. O interesse não está somente na mercadoria que vai transacionar, no lucro que poderá obter, mas no sentimento de solidariedade à vida da família do freguês. O vendedor, geralmente, sabe que precisa perguntar pelos parentes, como o cliente está de agricultura ou simplesmente “como vão as coisas?” E vai despachando-lhe as compras, sem pressa, porque o serrano, o

homem que veio do sítio encarapitado sobre a serra, faz de sua feira na cidade ou na vila um instante de satisfação, de vida em sociedade. É o seu “footing”. Conversa com os amigos, bebe sua aguardente, diverte-se ouvindo os cantadores ou vendedores de romances populares, tudo isso depois de ter ido à missa.

Quando alguém mantém por outro uma estima maior, o tratamento passa a ser: “meu compadre”, “minha comadre”. Somente depois que se estabelece o tratamento é que, muitas vezes, o mais pobre convida o amigo para ser padrinho de um filho seu, sendo afronta, indelicadeza das mais graves, não aceitar. Mesmo quando existe intimidade entre conhecidos, a pessoa que está contando uma história, um incidente familiar, etc., e tem que falar em termos mais vulgares, pede licença, expressando-se: “Com a sua licença, ela disse que ele era um vagabundo” ou “Me perdoe a palavra, mas chamou ela de sem-vergonha”.

Designar alguém de “mulher” é cometer ofensa grave. Donzela é simplesmente moça. Mulher é designação pejorativa reservada às mulheres à-toa. Quando alguém, inadvertidamente chama uma senhora de “mulher” (deveria chamá-la “dona”), quase sempre recebe a resposta: “Mulher é rapariga de soldado” ou “Eu não sou mulher, tenho marido”.

Enfim, em todas as reuniões da vida rural, há sempre o traço característico da etiqueta do sertanejo. É maneiroso, atencioso, sendo raridade mostrar-se indelicado. É sempre dócil, compreensivo, respeitando as pessoas mais importantes e, principalmente, aqueles aos quais se ligou pela amizade. Quando se reúne para divertir-se, promovendo um de seus famosos “arrasta-pés”, não deixa de cumprir as regras de sua etiqueta.

* * *

Pode-se dizer que o sertão nordestino conhece duas categorias de festa: as de cunho religioso, como as festas do santo padroeiro do lugar até as demais tradicionais do calendário católico de sua área geográfica, e as de cunho popular, entre as quais se incluem as comemorações de batizados, casamentos, nomeações políticas, triunfo dos partidos eleitorais, etc.

Antes de nós, em bem urdido livro que continua sendo um dos melhores documentos escritos sobre o Ceará, *Terra do Sol*, o escritor Gustavo Barroso fez o seguinte comentário a respeito do sertanejo e de suas festas: “O sertanejo herdou o batuque das senzalas, importou o baiano ou balão, o coco e o bagaço das províncias litro-limitrophes, dança o xerém e sapateia no miudinho. As danças são todas selvagens, rudes, sapateadas e embigadas, passos curtos, saltitantes, acompanhando o ritmo indolente da música, às vezes com contorções sexuais, mas sempre com um tom hierático e quase lúgubre de todo o povo que acumula grande herança fetichista”.

Já se nota hoje em dia pequena alteração entre aquilo que nos descreveu Gustavo Barroso, com sua intuição de observador e o que normalmente se dança no *binterland* cearense. As sapateadas estão desaparecendo, e outro não poderia ser o seu fim, porque dia a dia revela-se mais forte a influência das províncias mais adiantadas. Ao tempo em que aquele ilustre escritor realizou os seus estudos, não existia ainda o rádio, nem o cinema mantinha os sertões em dia com as mais recentes inovações. Aquele organismo rude, influenciado pelo balão, pelo xerém, ao desejo muito natural de conhecer as músicas de danças que fazem êxito no meio urbano, adotando-as, num espírito de preservação inconsciente, não as isentam de sua influência, de sua coloração ambiental.

Está visto que não nos vamos ocupar neste trabalho das danças dramáticas, populares, do “Boi”, autodramático dos

mais expressivos, nem tão pouco dos bandos precatórios, acompanhados de pequenos conjuntos musicais, recolhendo prendas... nem da alegria das quermesses sertanejas, de seus leilões, etc. Interessa-nos o “samba”, o “arrasta-pé” em sua forma primária como ainda é conhecida em todo o Sertão, desde os subúrbios da cidade até o rincão mais distante. E o que pretendemos aqui arrolar é uma série de normas que formam o que consideramos ser a etiqueta do forró.

Porque se realizam os sambas, essas festinhas populares de tanto sucesso no seio do povo? Como vimos, de início, casamentos, aniversários, batizados ou acontecimentos de cunho político, geralmente servem de motivos para os sertanejos festejarem em sambas. No entanto, há a modalidade do samba organizado e que funciona sem motivo aparente. Quatro ou mais pessoas tomam uma sala por empréstimo, contratam o acompanhamento musical, e convidam as “damas”. Enquanto esses preparativos tomam curso, espalha-se a notícia de que “o samba vai ser animado”, “vai ter mulher para dançar”, e não falta quem dele queira participar, pagando a quota exigida, que varia, atualmente, de dez a trinta cruzeiros.

Moça que vai à festa em que se cobra quota, não pode recusar o par. Entrou no salão, terá que dançar com quem a solicitar, e enquanto a orquestra repetir números musicais, sem interrupção, não poderá abandonar o companheiro, sendo indelicado oferecer desculpa para paralisar a dança. Entretanto, se a orquestra não finalizar durante certo tempo, o cavalheiro deve dizer: “Vamos descansar um pouco?” ou “A senhora não quer parar?”

O cavalheiro não tem direito a chegar ao forró, embriagado. De uma maneira geral os organizadores não permitem que alguém alcoolizado participe da reunião dançante, mesmo que deseje pagar a quota exigida. Mas, se após entrar no salão, ficar tomado pelo álcool, tornando-se incon-

veniente, receberá conselhos, não sendo da etiqueta exigir-se a sua retirada.

É de bom-tom não se dizer que “fulano está bêbado” ou “puxando fogo”, “embriagado”, etc. Diz-se, comumente: “Fulano está tão alegre”... ou “É fraco pra bebida”, etc. Se a festa é realizada no interior de uma casa, os dançarmos ficam na sala da frente, de onde foram retirados os móveis por acaso ali existentes, geralmente pequena mesa que é conservada encostada à parede, e alguns tamboretos, postos no canto da sala para visitas. A mobília, portanto, é levada para o interior da habitação e a mesa passa a ser utilizada para bufete, exibindo o tradicional aluá, bebida indispensável a essas reuniões, principalmente se a comemoração é de aniversário ou batizado. A cachaça inevitável é bebida para homens e como tal deve ser servida ostensivamente. No quintal da casa ou ao lado, em local mais afastado, improvisa-se um botequim sob o controle do dono da casa ou dos organizadores do baile.

Os músicos – o conjunto, geralmente, é integrado por dois violões, cavaquinho, harmônica, pandeiro e um ritmista que toca maracas. Embora seja esse o grupo musical ideal para um “arrasta-pés”, que é também denominado “fuzarca”, “samba”, “brincadeira”, podem funcionar, às vezes, uma harmônica, um violão, um pandeiro ou um cavaquinho. Porém, para garantir-se o êxito da reunião é preciso anunciar o comparecimento de um tocador de “fole”. A sanfona é considerada instrumento nobre em todo o sertão e não há matuto que não a louve. Para festas dessa natureza, em virtude de suas qualidades sonoras, é muito requestada.

Mas se o samba não é dos que têm entrada paga, realizando-se em função de uma comemoração toda especial, cabe à família que vai oferecer a festa a incumbência de fazer convites. Mesmo sabendo que não comparecerão,

é de boa norma o promotor da festa convidar pessoas consideradas mais importantes, gente de sua afeição, não desprezando, por certo, os seus patrões. O convite é mais ou menos assim:

– É uma festinha de pobre mas se vosmicê puder ir, a gente fica feliz. Ou então: “Vamos festejar o batizado da menina e vai haver um toque lá em casa. Vosmicê tá convidado. A casa é pobre, mas é direita...”

Quem recebe o convite, se tiver posição social diferente, situando-se em nível superior, deve agradecer, prometendo comparecer, embora fique subentendido que não irá. A educação rural manda que se agradeça e que se prometa o comparecimento. Não será ofensa o patrão auxiliar os festeiros, mandando entregar-lhes uma garrafa de bebida, de preferência vinho, ou uma galinha para “ajudar”.

Quem organiza uma festa tem por obrigação comparecer ao chefe do destacamento policial do local, ao delegado, ou a quem retenha o poder militar, para pedir permissão. Em alguns lugares é necessário o pagamento de uma taxa, mas quando se trata de festa de aniversário e que não possui objetivo deliberado de pândega, autoriza a tradição que nenhuma taxa seja cobrada. Reconhece-se, assim, o direito da família demonstrar sua satisfação por ocasião de seus momentos de alegria. O delegado ou o seu preposto comparece à festa, conservando-se alheio ao divertimento, participando, porém, dos “comes-e-bebes”. No máximo, se se tratar de um casamento, poderá aceitar o oferecimento do noivo de dançar uma “parte” com a noiva.

De uma maneira geral as festas decorrem em ordem. Quando se verificam acidentes são eles quase sempre motivados por valentões profissionais, ou, não muito em raro, por filhos de gente abastada que, confiados no prestígio político dos pais, comparecem aos sambas para “fechar o tem-

po”, isto é, acabar com as danças. Isso não quer dizer, por outro lado, que não se gerem conflitos independentes do aparecimento de perturbadores. Muitas vezes a moça recusa o dançarino e este se ofende. Não se admite numa festa sertaneja rejeitar-se o par, a não ser que esteja embriagado.

Diz-se “Quem vai à festa, fica no sereno ou tem que dançar”.

O fiscal do salão, mais propriamente o dono da festa ou o seu organizador, é responsável por todos os casos que surgem, ficando a seu critério resolvê-los. É de sua responsabilidade “agradar” os músicos, servindo-lhes bebidas, de vez em quando, para que “molhem a goela”. A festa só termina quando autorizada, dependendo, naturalmente, do número de convidados que ainda se encontram na sala. Terminado o forró, os músicos são pagos, descansam um pouco e tomam, geralmente, uma “saideira”. último gole de bebida, após o que, despreocupadamente, vão-se retirando. Já não são festejados com entusiasmo. Ninguém os considera mais. De onde surgiu com certeza a expressão popular:

– Festa acabada, músicos a pé.

O conceito, entretanto, de samba é um tanto desprimoroso. As famílias ricas do lugar geralmente comentam essas festas, julgando-as um caminho de perdição para as moças. A verdade é que sob os mais diversos aspectos são vistos os sambas e os dançadores pelos poetas populares:

*Vi outra moça num samba
dizendo ao seu namorado
dê de beber a mamãe
cachaça, vinho e quinado
que nós dois vamos dançar
um V 8 escambichado*

*Quando eu era dançador
no toque do bandolim
fui dançar simples uma noite
a moça me disse enfim
benzinho na volta escura
aperte a minha cintura
que eu só sei dançar assim*

Vale a pena a descrição que João Quintino Sobrinho, autor das duas sextilhas anteriores, faz em seu folheto *O Chafurdo dos Namorados nas Fuzarcas de Hoje em Dia*, sobre os dançadores:

*O rapaz de hoje só dança
no mundo em toda ribeira
e fazendo uma escora*

*no bucho da cavalheira
arrocha-lhe o espinhaço
ela dá um choque no braço
que só granada em trincheira*

*O dançador puxa a moça
para o canto da sala
entrança perna com perna
dando beijo e beliscão
tem delas que na fuzarca
leva tanta rabissaca
que a cueca cai no chão*

*Hoje em dia o dançador
grita dizendo: eu sou osso
pra pagar cota e bebida*

*tenho dinheiro no bolso
não me falta namorada
para dá minha pegada
dos pés até o pescoço*

Há muita coisa mais que se pode incluir na etiqueta dos pacatubanos, como contribuição a estudos dessa natureza. E ao redor do assunto, que nos parece pouco considerado pelos sociólogos e folcloristas, gravita um mundo de anedotas, de pequenas histórias em que pontificam os puxadores de fole, os dançadores, as damas, os valentões, as bebidas, as frases chistosas, etc.

Quem se dedicar, com mais carinho ao tema, na área do Polígono das Secas, oferecerá, de certo, excelente contribuição aos estudiosos do folclore brasileiro.